

Bracatinga em terras paulistas

São Paulo está mais acostumado ao eucalipto e ao pinus. Mas espécie nativa começa a ganhar espaço



De olho em um mercado com carência de matéria-prima para suprir a demanda interna, e descontente com os lucros obtidos com a produção de leite em sua propriedade, a empresária Sandra Barranjard, uma das donas da Fazenda Sandra Maria do Jaguari, no município de Santa Isabel, no Vale do Paraíba paulista, decidiu, quase quatro anos atrás, investir no plantio de árvores para a produção de madeira.

Como sua propriedade encontra-se em uma área de proteção de mananciais, ela preferiu uma espécie nativa, a bracatinga (*Mimosa scabrella* Bentham).

Amplamente cultivada no Sul do País, principalmente por pequenos produtores, onde a madeira é vendida tanto como lenha quanto para a produção de carvão, a bracatinga é apontada por especialistas como uma espécie com alto potencial comercial.

"É uma árvore nativa, que vai bem em áreas de clima frio e úmido, como no Vale do Paraíba. Ela também é uma planta de crescimento rápido e que apresenta baixo custo de produção", diz o especialista em genética de espécies arbóreas e professor do Esalq/USP, Paulo Yoshio Kageyama, que crê que a bracatinga pode representar uma boa alternativa de renda para proprietários rurais do Vale do Paraíba.

Sem formigas. "Trata-se de uma planta que requer pouca ou quase nenhuma correção de solo e tampouco o uso de formicidas, já que as formigas não gostam dela", diz Sandra, que em 2006 buscou sementes no Paraná e realizou o plantio da bracatinga em uma área de pouco mais de 6 hectares. "Além do uso para lenha e carvão, a madeira da bracatinga também é valorizada por empresas de serrarias, que a usam para a fabricação de tacos (pisos de madeira) e lâminas para a indústria moveleira", destaca o pesquisador de árvores nativas da Embrapa Florestas, Antônio Carpanezi, uma autoridade no que diz respeito à planta. Segundo ele, como o nome bracatinga está muito ligado à lenha, no mercado a madeira da árvore destinada ao uso mais nobre e lucrativo é chamada de amêndola.

Na propriedade de Sandra a área plantada, onde as árvores estão perto dos 10 metros de altura, está passando por um processo de desbaste, que consiste na retirada das árvores menores e mais fracas, o que permitirá, além do maior crescimento das árvores que ficam nos próximos dois anos (o corte da bracatinga é feito a partir do sexto ano) também a maior uniformização do tamanho dos troncos das plantas.

Essa uniformização, segundo explica o engenheiro florestal responsável pelo processo de aprovação do plano de manejo da área junto à Cetesb, Rogério Romero Mazzeo, é importante para que a madeira possa ser vendida para o setor de serrarias. "Como trouxemos sementes de vários locais do Sul, onde essa seleção não é feita, ainda há muita irregularidade no tamanho dos troncos entre uma árvore e outra", diz.

Segundo Carpanezi, é justamente a falta de regularidade entre o tamanho das toras a principal barreira para a exploração da madeira da bracatinga numa escala mais ampla, principalmente pelo setor moveleiro. "Por isso a madeira acaba sendo queimada, o que é um desperdício", lamenta Mazzeo.

"Em termos do uso para lenha, apesar de apresentar um poder de queima maior, o preço da bracatinga e do eucalipto é igual. Agora, em se tratando da madeira para serrarias o valor comercial é maior do que a do eucalipto e do pinho", afirma Sandra. Outra possibilidade também lucrativa e interessante, na visão de Mazzeo, é a produção de mudas e sementes. "Afim, quem quiser plantar a árvore aqui na região vai ter certeza da procedência, pois vamos produzir mudas e selecionar as sementes das árvores boas. E em se tratando de bracatinga isso não existe em outros lugares", afirma.

SOBE & DESCE

Adensamento

O espaçamento do eucalipto permite 1.666 árvores por ha, a bracatinga permite 4.400 por h

Ciclo

O eucalipto tem um ciclo de 21 anos. A bracatinga, como pioneira, vive apenas 7 anos, em média

curto